

HISTÓRIAS DE VIDA, VALORIZAÇÃO DA CULTURA E DA IDENTIDADE: ARTICULAÇÕES ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM UMA EXPERIÊNCIA JORNALÍSTICA⁴⁷⁶

Karina Janz Woitowicz⁴⁷⁷

RESUMO: O presente artigo se baseia em uma experiência de ensino realizada em 2019 no Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa que consistiu na produção de reportagens de perfil, com o propósito de promover um jornalismo humanizado e valorizar as práticas culturais de personagens desconhecidos. A partir da compreensão de cultura como prática social cotidiana que se constitui por meio da ação e da narrativa dos sujeitos, foram desenvolvidos 28 perfis publicados no site do projeto de extensão Cultura Plural no período de agosto de 2019 a julho de 2020. Os resultados da prática proposta apontam para possíveis contribuições da pesquisa em cultura, e em especial da folkcomunicação, no aprimoramento do olhar sobre as pessoas e sobre as práticas sociais, com ganhos para a formação acadêmica em Jornalismo.

Palavras-chave: Cultura; Folkcomunicação; Ensino do Jornalismo; Reportagem de perfil; Extensão universitária.

1 Introdução

O presente texto busca discutir uma experiência de ensino realizada na disciplina de Estudos de Comunicação e Cultura, da terceira série do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), ministrada pela autora no ano de 2019, que consistiu em uma articulação entre a noção de cultura sustentada nas práticas populares e a produção de reportagens de perfil voltadas à valorização de personagens cujas histórias se filiam ao cotidiano de determinado lugar ou grupo social. As produções foram publicadas no site do projeto de extensão Cultura Plural ao longo de cerca de um ano, em uma categoria própria intitulada “Perfil”.⁴⁷⁸

Entende-se que, ao lado de conteúdos curriculares, desenvolvidos em diferentes disciplinas, é importante criar espaços de debate em torno das relações entre jornalismo e cultura, o que envolve a possibilidade de inclusão, nos veículos laboratoriais e extensionistas dos cursos de Jornalismo, de temas que perpassam a valorização da cultura e dos saberes populares, bem como os hibridismos e as relações interculturais que caracterizam a sociedade contemporânea.

Neste sentido, torna-se oportuno registrar a existência, desde agosto de 2011, do projeto de extensão Cultura Plural⁴⁷⁹, que atua diretamente na relação com o campo cultural de Ponta

⁴⁷⁶ Trabalho apresentado no GT 5 – Folkcomunicação: narrativas, ritos, saberes e interculturalidade da XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

⁴⁷⁷ Professora Dra. do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR). Coordenadora do grupo de pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação e do projeto de extensão Cultura Plural. E-mail: karinajw@gmail.com.

⁴⁷⁸ Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/?cat=25>.

⁴⁷⁹ Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/>

Grossa. O site já produziu centenas de reportagens e produções que tematizam e difundem a cultura, com ênfase nas manifestações populares, além de promover ações culturais na cidade (como feiras e mostras de documentários) e atuar nas redes sociais. De acordo com Furtado e Woitowicz (2016, p. 151-152):

Criado em agosto de 2011 com o apoio da Funarte/Ministério da Cultura, o projeto, desenvolvido no curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, busca se orientar por um conceito amplo de cultura, oriundo do referencial teórico da folkcomunicação, que considera as práticas e manifestações dos artistas e grupos populares locais, que atuam de maneira informal. Assim, a pauta jornalística se amplia, compreendendo não apenas as expressões artísticas reconhecidas pelo meio cultural, mas fundamentalmente as expressões que se originam no cotidiano dos grupos sociais.

No contexto da formação em Jornalismo, e atuando de forma integrada à prática extensionista, também são realizadas experiências de pesquisa em folkcomunicação, que ganham espaço no grupo de pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação⁴⁸⁰. Criado na UEPG em 2010, o grupo conta com a participação de professores e estudantes de graduação e mestrado que desenvolvem estudos sobre as interfaces entre jornalismo e cultura, oportunizando contato com a temática em espaço extra sala de aula. Conforme descrição do grupo no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, o grupo:

[...] desenvolve estudos fundamentados no referencial teórico da folkcomunicação, com enfoque na produção jornalística em cultura e nos estudos de mídia. Com base na perspectiva fundada por Luiz Beltrão, são analisados os processos jornalísticos que envolvem tanto as manifestações populares quanto as produções midiáticas do mercado da comunicação, em suas variações regionais. O Grupo se propõe ainda a fomentar produções jornalísticas que têm a cultura popular como referencial temático e conceitual, atuando em sintonia com projetos de extensão na área cultural e com as iniciativas protagonizadas pela Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom).

As reflexões sobre cultura realizadas no grupo de pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação também contribuem para o desenvolvimento das pautas e abordagens que perpassam as dinâmicas de ensino e as práticas da extensão (WOITOWICZ, 2017). Na experiência de ensino em questão, com base em leituras sobre cultura e identidade e em um roteiro de orientações previamente estabelecido, foram produzidas entrevistas que embasaram a elaboração de reportagens de perfil.

O artigo não se propõe a descrever todos os resultados da referida experiência realizada pelos(as) estudantes no contexto de uma disciplina do Curso de Jornalismo, mas refletir sobre as contribuições do exercício de escuta e de observação para o desenvolvimento de produções

⁴⁸⁰ Cadastrado no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3599897752335302>

jornalísticas que contemplem a diversidade e a riqueza das manifestações da cultura protagonizadas pelos sujeitos no cotidiano das práticas sociais.

2 A cultura e o lugar das narrativas cotidianas

Pode-se dizer que a concepção de cultura baseada no relativismo cultural e no reconhecimento da pluralidade das culturas (SANTAELLA, 2003) é assumida pelas pesquisas de folkcomunicação, que se ocupam dos fenômenos culturais como expressões comunicacionais produzidas em meio às interações sociais e às relações com os veículos midiáticos. Ao priorizar a cultura dos grupos marginalizados e atribuir valor às práticas cotidianas, a folkcomunicação oferece importantes pistas para a formulação de um olhar diferenciado sobre a realidade social e os sujeitos que a compõem.

Foi com essa percepção que Luiz Beltrão (1971; 2001; 2004), ao reconhecer os processos comunicacionais inerentes às manifestações da cultura popular, se dedicou ao trabalho empírico de observação dos meios informais de comunicação utilizados pelos indivíduos e grupos sociais enquanto agentes comunicadores que expressavam ideias e opiniões em suas práticas populares. Para tanto, o pesquisador pernambucano pesquisou em livros, jornais, sebos e bibliotecas públicos e privados (BELTRÃO, 2004) e empreendeu conversas com testemunhos do seu tempo, das mais diversas atividades e posições sociais, como chefes políticos, fazendeiros, além de:

[...] venerandas senhoras de quase um século de existência, testemunhas eloquentes das grandes transformações sociais operadas no nosso país nesta centúria. Com filhos e netos de escravos, com pais-de-santos, com gentes das nações africanas e das tribos indígenas, que se mantêm vivas e atuantes nos maracatus e nos caboclinhos do riquíssimo carnaval recifense. Com os antigos caixeiros-viajantes e os novos representantes comerciais, com motoristas dos transportes rodoviários, cantadores repentistas, humildes passadores-de-bicho, que enchem “poules” da manhã à tardinha de sítio em sítio, com frades missionários, com andatiños e retirantes [...]. (2004, p. 52)

O trabalho de Beltrão e suas estratégias de investigação tomam como base sua experiência como jornalista - tendo atuado no *Diário de Pernambuco* desde os anos 1930 -, suas reflexões sobre o ensino e a prática do jornalismo e também suas preocupações com o processo de exclusão de grande parte da população ao que chamava de “jornalismo ortodoxo”. Assim, o professor e pesquisador desenvolveu uma metodologia didático-pedagógica (GURGEL, 2018) que buscava incorporar no ensino de Jornalismo a fundamentação teórica e a compreensão em torno da realidade sociocultural.

Nesse caminho, o exercício de “ir ao mundo, ouvir as pessoas e, principalmente, observar para compreender aquilo que se passa” (ROVIDA, 2015, p. 78) remete à possibilidade

de valorização de abordagens interpretativas na descrição de ambientes, comportamentos, personagens e práticas sociais, própria da atividade jornalística. É o que sinaliza Isabel Travancas (2002, p. 03).

O jornalista é antes de tudo um habitante da cidade. O mundo urbano tem características e particularidades que se expressam no jornalismo. Quando Simmel (1979) cita o anonimato, as relações transitórias, a superficialidade como aspectos dos indivíduos urbanos, não se pode deixar de associar estas características ao jornalista. Assim como a metrópole determina um novo modo de vida, a intensidade com que o tempo é vivido também é diferente na cidade grande e na zona rural. E se o antropólogo vai se defrontar constantemente com a questão da diferença, o jornalista experimentará no seu cotidiano a cidade como espaço da diversidade, do cruzamento de mundos e “tribos” diferentes, desvendando territórios heterogêneos e construindo assim um mapa, para muitos habitantes desconhecido.

É importante registrar que outra experiência de aproximação e diálogo entre a cultura e o jornalismo foi desenvolvida em 2017, também no contexto da disciplina de Estudos de Comunicação e Cultura, e consistiu em um exercício de observação inspirado na perspectiva etnográfica, com foco na utilização de meios de comunicação e/ou de dispositivos tecnológicos nos processos de interação social (WOITOWICZ, 2017). Como resultado, foram produzidos relatórios de observação em onze locais (espaços públicos, bares e boates, espaços religiosos, entre outros), onde foram identificadas as mediações sociais estabelecidas no contexto face a face ou por meio de tecnologias. As contribuições da folkcomunicação puderam ser notadas, na referida experiência, por meio da identificação das marcas culturais de determinado grupo, bem como dos elementos que constituem a cultura a partir do lugar.

Assim, entende-se que conhecer ambientes e histórias de vida de pessoas comuns, observar as práticas culturais e transformar esse conhecimento em narrativas que contribuem para o conhecimento em torno da própria identidade de um determinado lugar ou grupo social constituem procedimentos que contribuem para a formação em Jornalismo em uma perspectiva humanizada e voltada ao reconhecimento da diversidade cultural. A experiência descrita a seguir apoia-se nesses princípios e, inspirada nas orientações de Beltrão sobre a relação entre a teoria e a prática, busca estabelecer elos entre a cultura e o jornalismo.

3 PRODUÇÃO DE PERfis: aspectos culturais e jornalísticos

As histórias de vida, à medida que constituem os saberes e as práticas populares, possibilitam relacionar as vivências individuais com as marcas culturais de um determinado tempo e espaço. Por isso, podem ser entendidas como uma forma de registro de personagens que cotidianamente constroem o ambiente social, ainda que na maioria das vezes desconhecidos.

Sabe-se que o jornalismo, em geral, quando tematiza aspectos da cultura, apresenta uma abordagem limitada aos bens e serviços culturais, desconsiderando os processos por meio dos quais a cultura se organiza. Como a pauta jornalística exige o cumprimento de determinados critérios de seleção, verifica-se a tendência ao agendamento de eventos, à erudição e às influências do mercado da cultura (PIZA, 2009), deixando de lado outras possibilidades de tratamento das manifestações culturais em sua diversidade e complexidade.

Com o propósito de repensar as lógicas predominantes da produção jornalística na área cultural, foi proposta uma abordagem na disciplina de Estudos de Comunicação e Cultura⁴⁸¹ que buscasse propiciar um olhar diferenciado sobre a cultura e, ao mesmo tempo, possibilitasse a experimentação jornalística.

A articulação entre os conteúdos teóricos desenvolvidos na referida disciplina e a produção jornalística para o site do projeto Cultura Plural partem da premissa de que o olhar sobre a cultura, quando trabalhado a partir de diferentes formatos e linguagens, constitui um caminho para oportunizar o aprimoramento da formação acadêmica e o contato com a realidade. Afinal, conforma destacam Quadros, Fernandes e Martins (2017, p. 121), “a formação do estudante se enriquece com a possibilidade de viver experiências diversas, ampliando seu universo”.

Importante considerar que, em sua concepção, o Cultura Plural compreende a cultura em seus diversos aspectos e não somente aqueles ligados ao consumo de bens culturais. Trata-se, portanto, de repensar o próprio conceito de jornalismo cultural (PIZA, 2009) que norteia as produções. O site Cultura Plural faz a cobertura de eventos culturais da cidade e reportagens especiais sobre manifestações culturais, que são publicadas em diversas categorias temáticas. Além da cobertura da agenda cultural da região, que compreende o acompanhamento e a divulgação dos eventos e ações culturais, o projeto assume como foco preferencial as manifestações populares que se situam fora do eixo das agendas oficiais, servindo como uma forma de registro e memória das expressões da cultura popular e das práticas dos grupos e indivíduos ligados ao campo cultural.

Em suas publicações, o Cultura Plural destaca as produções locais e regionais, dando visibilidade a artistas e grupos culturais, além de preservar a memória de Ponta Grossa e dos Campos Gerais do Paraná. As reportagens publicadas variam entre diversas categorias como Artes Cênicas, Artes Visuais, Cinema, Cultura Popular, Dança, Grupos Culturais, Literatura, Música, Políticas culturais, etc.

⁴⁸¹ Trata-se de uma disciplina semestral de 68 horas que apresenta a seguinte ementa: “Princípios de antropologia cultural. Desenvolvimento do conceito de cultura nas ciências sociais. Globalização, trocas simbólicas e conflitos culturais. Estudos culturais britânicos, norte-americanos e latino-americanos. Identidade Cultural e Mídia. Comunicação e cultura popular brasileira (folkcomunicação). Aspectos da cultura profissional do jornalismo” (Projeto Pedagógico Jornalismo UEPG, 2015).

E é exatamente a partir da sintonia com essa perspectiva editorial sustentada na diversidade das práticas culturais que o trabalho na disciplina se consolida, por meio da iniciativa de visibilizar histórias de vida de personagens da cultura local com a produção de perfis jornalísticos. Com a parceria realizada com a disciplina de Estudos de Comunicação e Cultura, o Cultura Plural fortaleceu a publicação de perfis de personagens e agentes culturais.

A proposta consistiu em promover o encontro com o outro ou, nos termos de Lago (2010), a possibilidade de “acolher narrativamente a alteridade”. Para tanto, após o contato com discussões sobre subalternidade e valorização dos saberes populares, os estudantes foram a campo para produzir narrativas sobre pessoas comuns, que resultaram em 28 perfis publicados no Cultura Plural, em forma de textos acompanhados de fotos.

Como orientação para a produção dos perfis, foi considerado o desenvolvimento da narrativa sobre uma história de vida, estabelecendo conexões entre a trajetória individual e aspectos da história e da cultura local. De acordo com Vilas Boas (2014, p. 271), o perfil é um tipo de texto biográfico sobre uma pessoa e “expressa a vida em seu contexto. Atém-se à individualidade, mas não se restringe ao individualismo anedótico, folclórico, idiossincrático”. Como recursos de apuração, recomendou-se o uso da prática da observação (ambientes, comportamentos, práticas culturais, etc) e a realização de entrevista em profundidade. Os textos deveriam ter entre 3 e 5 páginas, acompanhados de no mínimo duas fotos. As produções foram publicadas em uma categoria de conteúdos própria no site Cultura Plural, intitulada “Perfil”.

Imagem 1 – Publicações na categoria Perfil do Cultura Plural



Fonte: Site Cultura Plural (<https://culturaplural.sites.uepg.br/?cat=25&paged=3>)

A produção de um perfil requer conhecimento sobre as características da personagem e capacidade para perceber detalhes e apresentá-los de forma interessante, em uma narrativa de

interesse humano. Acima de tudo, é a aproximação e o diálogo que possibilitam a imersão no universo do(a) entrevistado(a) para extrair informações e percepções.

A intenção com a produção dos perfis era dupla: de um lado, exercitar o olhar sobre o outro, como recomenda Eliane Brum (2006, p. 191): “Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as outras expressões do que somos”. De outro, visibilizar histórias de pessoas comuns que fazem parte da cultura local, contribuindo para a ampliação da cobertura do site Cultura Plural acerca da diversidade cultural da cidade.

Ao longo de diversas semanas, no segundo semestre de 2019 e no primeiro semestre de 2020, foram publicados perfis que contam a história dessas pessoas e suas contribuições para a identidade cultural e a memória de Ponta Grossa e região.⁴⁸²

No total, foram produzidos perfis de 15 homens e 13 mulheres, de diferentes idades e grupos sociais. Sobre os personagens representados nos perfis, é pertinente observar que todos abordaram um aspecto comum: visibilizaram personagens desconhecidos(as) e recuperaram histórias invisíveis. Colocaram em prática, em alguma medida, o exercício da alteridade, desenvolvendo o olhar e a escuta, conforme proposto no contexto da disciplina.

Entre os perfis produzidos pela turma, a maior parte (16) remete a alguma categoria de trabalho, em sua maioria fora da área cultural. Uma militar, um ferroviário, um sapateiro, uma feirante, uma professora, uma missionária, uma catadora de materiais recicláveis, um engraxate, uma dona de casa, um jogador de futebol amador e dois ambulantes relataram seu cotidiano, a natureza do seu trabalho e suas visões sobre a cidade. Do campo artístico, foram retratadas as histórias de dois artistas plásticos, um produtor cultural e um escritor, que destacaram suas trajetórias e sua relação com a produção artística.

Outras histórias de vida revelaram trajetórias singulares: um plantador de árvores, uma mãe de criança autista, uma funcionária do setor de limpeza que está cursando Mestrado, a primeira rainha do Clube Operário Ferroviário, uma *drag queen*, um homem trans e uma pessoa em situação de rua. Há, nestas construções, um protagonismo que se revela pelos feitos individuais, pelas adversidades vencidas e pela singularidade da narrativa. São histórias de pessoas desconhecidas que, ao ocuparem o foco da análise dos(as) estudantes, apresentam um valor único.

Os vínculos com determinados lugares estão presentes em diversos perfis, conectando a trajetória de vida à memória daquele ambiente. São exemplos dessa característica o perfil de uma das moradoras mais antigas do bairro Bonsucesso em Ponta Grossa, as memórias de uma

⁴⁸² Os textos foram publicados semanalmente, com interrupções no período de recesso acadêmico e durante a suspensão das atividades em razão da pandemia de Covid-19 entre março e maio de 2020.

moradora da região rural da cidade de Sengés e de um personagem que presenciou o desenvolvimento da cidade de Londrina, além das vivências de uma representante da comunidade quilombola de Sutil (localizada próxima a Ponta Grossa) e de um velho tropeiro em uma região marcada pela identidade do tropeirismo, no caminho entre os estados de São Paulo e do Rio Grande do Sul.

A perspectiva do pertencimento ou da identificação com um determinado grupo social (SILVA, 2000) também se apresenta nas reportagens de perfil. Relações com a cultura negra, com particularidades de uma determinada categoria de trabalhadores, bem como questões que remetem a gênero, geração, raça e sexualidade, aparecem de maneira transversal nas narrativas. Como os perfis trazem a característica de um retrato do sujeito no momento atual, aspectos de identidade transparecem na escrita, em meio a lembranças do passado que contextualizam o presente ou mesmo na visão de si mesmo(a) e do grupo ou lugar a que pertence.

Para que essas histórias pudessem ser não apenas contadas, mas ganhassem visibilidade, o suporte do projeto de extensão foi fundamental. Assim, enquanto a disciplina ofereceu condições teóricas e práticas para a elaboração dos perfis, sustentados no trabalho de campo que possibilitou a apreensão de aspectos culturais, o *Cultura Plural* garantiu a publicação e a divulgação das reportagens de perfil ao longo do período considerado.

Entre os textos que se destacaram, em relação ao número de visualizações (de acordo com as estatísticas do próprio site), temos "A minha casa é a mais antiga de todas daqui do Bonsucesso"⁴⁸³, referente à história de Rosa Pietrochinski, de origem polonesa, produzido pela estudante Nadine Sansana, com 826 visualizações. Em seguida, "A educação resiste: entre os estudos e os serviços gerais"⁴⁸⁴, que conta a história de Roseli Vaz de Almeida, servidora do setor de limpeza da UEPG, produzida pelo estudante Matheus Rolim, com 473 visualizações, e "Uma vida feita de sonhos"⁴⁸⁵, referente à história da Dona Lena, feirante da Associação de Economia Solidária, produzida pela estudante Mariana Santos, com 429 visualizações.

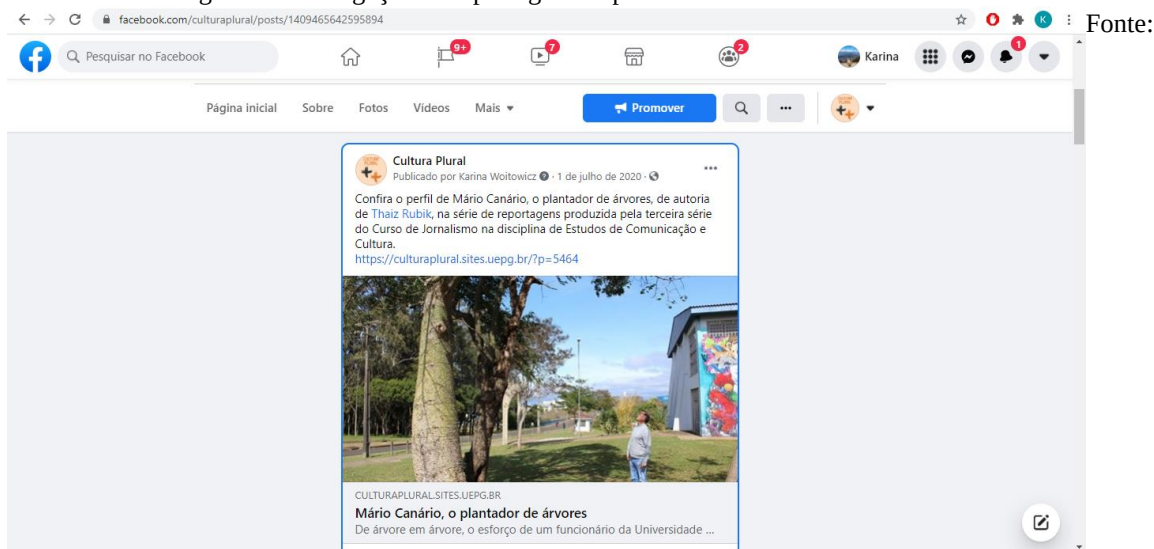
As publicações dos perfis no site *Cultura Plural* foram acompanhadas de um trabalho de divulgação nas redes sociais, que contribuíram para uma maior visibilidade das produções. As postagens indicavam que se tratava de uma série de reportagens produzida pela terceira série do Curso de Jornalismo na disciplina de Estudos de Comunicação e Cultura, como forma de identificar o trabalho realizado, conforme exemplo apresentado na Imagem 2.

⁴⁸³ Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/?p=4953>

⁴⁸⁴ Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/?p=4953>

⁴⁸⁵ Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/?p=4953>

Imagem 2 – Divulgação de reportagem de perfil no Facebook do Cultura Plural



O relato da experiência de ensino aqui apresentada, em articulação com uma ação extensionista, tem o propósito de refletir sobre o papel da formação acadêmica em oportunizar o diálogo com setores da sociedade e o exercício da atividade profissional em perspectiva humanizada. A variedade de temas e personagens retratados no site do Cultura Plural demonstra a preocupação em dar visibilidade às práticas culturais nas suas diversas formas e manifestações, repensando as lógicas tradicionais do jornalismo cultural. Ao mesmo tempo, a busca de distintos formatos e linguagens de produção jornalística na web converge no caráter de experimentação necessário para atender diferentes realidades (CANAVILHAS, 2011).

Percebe-se, pelo exposto, que a relação entre ensino, pesquisa e extensão oferece aos estudantes o contato com a produção local e a oportunidade de trabalhar com diferentes formatos de narrativa, em sintonia com as demandas culturais de Ponta Grossa/PR e região. Assim, busca-se oferecer uma contribuição ao exercício de olhar a cultura e se aproximar dos agentes que atuam no campo pela perspectiva do jornalismo.

4 Considerações finais

A inserção dos exercícios de escuta e de observação no contexto do ensino do Jornalismo permite estimular o desafio de descobrir a cultura a partir da trajetória de sujeitos, que representam grupos sociais, lugares, memórias e referenciais identitários. Trata-se de promover uma perspectiva humanizada para a prática do jornalismo, seja na proposição de pautas ou na abordagem sobre personagens, lugares ou práticas socioculturais. Estes aspectos indicam a necessidade de garantir espaços para debate, reflexão e problematização da realidade em meio ao processo de formação profissional.

Nos limites da experiência relatada, que remete ao cotidiano das dinâmicas de ensino-aprendizagem em um curso de Jornalismo, entende-se que reconhecer o valor cultural das práticas cotidianas constitui um modo de exercitar o olhar sobre o outro, cada vez mais necessário para desenvolver perspectivas de trabalho jornalístico mais inclusivas e menos estigmatizadoras em relação a certos indivíduos e grupos sociais.

Se é preciso buscar outros parâmetros de produção jornalística, em um cenário marcado pela concentração de mídia, pela previsibilidade das pautas e abordagens e pelo apagamento de sujeitos que se situam à margem da hegemonia política, econômica e cultural, a possibilidade de ampliação das perspectivas sobre o jornalismo envolve a valorização de histórias de vida e marcas culturais. Assim, pode-se falar da apropriação do olhar folkcomunicacional para o jornalismo como uma forma de apreender a diversidade e reconhecer o outro sem classificações pré-estabelecidas.

Com os cruzamentos decorrentes das articulações entre o ensino, a pesquisa e a extensão, pode-se dizer que estão sendo abertas algumas possibilidades para oportunizar o contato e aprofundar reflexões que envolvem a cultura, em diálogo com a perspectiva da folkcomunicação, que têm se mostrado relevantes no fortalecimento de uma formação profissional em Jornalismo que assume a alteridade como concepção norteadora.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Ed. Arquipélago Editorial, 2006.

CANAVILHAS, J. Ensino do jornalismo: o digital como oportunidade. In: QUADROS, C. [et. al.]. **Jornalismo e convergência**: ensino e práticas profissionais. Covilhã: LabCom, 2011. pp. 13-20.

FURTADO, Kevin Willian Kossar; WOITOWICZ, Karina Janz. Manifestações religiosas na pauta jornalística: análise da cobertura sobre o tema no site Cultura Plural. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Vol. 14, n. 32, maio/ago. 2016. pp.149-168. Disponível em: <https://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/2094>. Acesso em 25/05/2021.

GURGEL, Eduardo Amaral. Teoria e prática da pedagogia do jornalismo de Luiz Beltrão. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Vol. 16, n. 37, jul./dez. 2018. pp.139-160. Disponível em: <https://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/2367>. Acesso em 26/05/2021.



redefolkcom



LAGO, Cláudia. Ensinamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo. **Brazilian Journalism Research**. Vol. 6, n. 1, 2010. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/253/252>. Acesso em: 18 maio 2021.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

QUADROS, Cláudia Irene de; FERNANDES, José Carlos; MARTINS, Juliane. Jornalismo e cidadania: experiências de projetos de extensão universitária em educomunicação. **Alceu**, vol. 18, n. 35, p. 114 a 125, jul./dez. 2017. Disponível em: http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/A08_p114-125.pdf. Acesso em: 18 maio 2021.

ROVIDA, F. M. Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica: **Líbero**. São Paulo, v.18, n.35, p.77-88, jan./jun. 2005.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

TRAVANCAS, Isabel. Jornalistas e antropólogos: semelhanças e distinções da prática profissional. **Anais** [...]. XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, setembro 2002.

VILAS BOAS, Sérgio. A arte do perfil. In: **Perfis, o mundo dos outros**. 3ª ed. São Paulo: Manole, 2014. pp. 271-287.

WOITOWICZ, Karina Janz. Folkcomunicação em perspectiva etnográfica: contribuições para as práticas de ensino em Jornalismo. **Anais** [...]. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba/PR, 2017.